

SONDAGEM DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE ESCRITA

Rosemeire Fernandes

Aluna do 3ª A do Curso de Pedagogia da FALS.

Orientação: Profª Ms. Eliane A. Bacocina

Início este trabalho de pesquisa bibliográfica, acompanhado de atividades práticas, falando brevemente sobre a pesquisa desenvolvida por Emília Ferreiro e as características de cada fase do desenvolvimento pelas quais a criança passa em seu processo de alfabetização. Sigo apresentando meus colaboradores e o motivo porque foram escolhidos. Na sequência, justifico a escolha dos grupos de palavras utilizadas, tendo o objetivo à realização de sondagens de alfabetização.

Em seguida, apresentarei a escrita das crianças pesquisadas e descreverei de forma detalhada em nível de desenvolvimento e a fase de escrita em que se encontravam cada uma delas.

Explanarei a pesquisa, comentando cada item nos seguintes capítulos.

Cap. I – Alfabetização e as fases do desenvolvimento.

Cap. II – Meus colaboradores.

Cap. III – Como realizar uma sondagem.

Cap. IV – Apresentação da escrita dos colaboradores.

Após a exposição estruturada em capítulos, apresentarei as considerações finais, obtidas em informações decorrentes. Finalizando com as referências bibliográficas.

1. ALFABETIZAÇÃO E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO.

“A mais básica de todas as necessidades de aprendizagem continua sendo a alfabetização” - Emília Ferreiro.

Pelo que me parece, vivemos em uma realidade atual muito equivalente aos motivos que levaram Emília Ferreiro, na década de 80, juntamente com Ana Teberosky, ambas discípulas de Piaget, iniciaram estudos que trouxessem respostas alguns dos problemas da alfabetização.

Ferreiro lutava contra a evasão, a exclusão dentro do espaço escolar. Hoje houve um avanço dentro do espaço escolar, programas que possuam interesse apenas eleitoreiro e não político-social como prometem, aglomeram alunos em salas de aula visando seus interesses partidários e em muitos casos possuindo uma visão assistencialista, porém há a exclusão de

conteúdos, sendo esses necessários para a capacitação, para a formação de indivíduos capazes de sobreviver em um mundo, onde só é possível a sobrevivência digna com a aquisição da leitura e a escrita. Lembrando que a decodificação de signos não é item suficiente para a sobrevivência justa e prazerosa. Saber ler não é apenas decifrar os gráficos expostos sequencialmente em um papel, formando assim uma palavra, mas refletir e compreender o sentido dessa palavra e todo o escrito determina, prevalecendo o direito e o desejo do indivíduo leitor, não permitindo que este seja manipulado, alienado e massificado.

A alfabetização somente é eficiente e se concretiza, em sua totalidade, tendo como objetivo a formação de indivíduos reflexivos, críticos e felizes, com a capacidade de intervenções globais e possibilidades de ascensão social, provem sem diminuir ou destruir suas raízes.

Cito “felizes”, pois acredito que a felicidade é uma facilitadora em qualquer processo que um sujeito precise passar, desde o seu nascimento até o fechar definitivo de suas pálpebras.

No ponto de vista tradicional, sujeitos que vivenciam o início do processo de alfabetização, são muito cobrados. Essa abordagem, utilizando-se dos métodos sintéticos (trabalhando letra por letra) e o alfabético (primeiro letras, segundo sílabas e por último palavras), não considerou o meio em que se vive, as particularidades de todos os indivíduos e ignora o que a criança sente e pensa sobre a leitura e a escrita, evidenciando a opinião do adulto.

Exercícios repetitivos e nada significativos, cópias infinitas, avaliações amedrontadoras e professores autoritários, resultam numa aprendizagem recheada de abraços doloridos e muito pavor. Onde está a construção de seres “felizes”? Olhando por esses aspectos, não parece natural a evasão escolar?

Para solucionar esses aspectos que começou a ser estudados os pensamentos e sentimento das crianças para com a escrita e a leitura e o trabalho mental das crianças individualmente, para construir a leitura e a escrita.

Ferreiro e Teberosky concordaram, entre elas, que ao entrar na escola, toda criança, algumas mais outras menos, já teve oportunidade de contato com a leitura e escrita. Sendo ouvindo narrações de leitura ou lendo figuras, pois a criança está inserida em uma sociedade que possui a escrita e para todos os lados que a criança se dirija ela vai observar marcas gráficas que chamam a sua atenção.

Quando cito, “algumas mais outras menos”, estou me referindo à diferenciação entre as classes sociais. É compreensível que uma criança com melhor poder aquisitivo, que possui acesso a vários meios culturais, faz viagens, possui pais com formação escolar que estão aptos a repassar seus conhecimentos e informações a essa criança, entre na escola com vantagens em relação a outras crianças, cujos pais são analfabetos, desempregados entre outros e por diversos fatores não oferecem diálogo e lazer, ou seja, oportunidades.

É certo que não podemos generalizar, o fato da criança ser pobre e não ter tido contato diversificado com a leitura e escrita, não significa que não tenha tido nenhuma possibilidade de contato. O próprio lar da criança pode possuir móveis improvisados, feitos de caixas de papelão, por exemplo, a curiosidade natural e o estímulo dos adultos que a cerca, introduz no

mundo da leitura e escrita. Toda criança pobre ou rica, quando estimulada possui capacidade para o aprendizado.

Para descobrir uma forma facilitadora no processo da alfabetização, Ferreiro e Teberosky realizaram suas pesquisas usando o método de indagação, uma adaptação do método clínico, empregado por Piaget.

Crianças analfabetas foram observadas e entrevistadas individualmente, sendo que o material empregado pelas pesquisadoras consistia em: conjuntos de 15 a 20 cartões contendo letras isoladas ou varias letras juntas. O mesmo acontecia com números, podendo ter conjuntos com letras e números misturados, podendo conter figuras.

Eram atribuídas às crianças duas tarefas:

- Leitura – consistia na separação dos cartões em os que podem ser lidos e os que não podem ser lidos
- Escrita – consistia em ditar palavras que a criança não sabia escrever, após a escrita para que a mesma fizesse a leitura da sua produção.

As pesquisadoras não apenas descobriram as questões já mencionadas como tempo que as crianças usam critérios próprios em relação à escrita e a leitura e a existências de níveis no desenvolvimento de aquisição da leitura e da escrita.

1.1 Leitura

Puderam observar, Ferreiro e Teberosky, que em sua maioria as crianças utilizam dois critérios para separar o que pode ser lido do que não pode ler.

- Hipótese da quantidade mínima de letras.

Para as crianças, os cartões que não podiam ser lidos, continham três letras ou menos, podendo ser lidas as palavras com quatro letras ou mais.

Essa hipótese é o que os piagetianos chamam de um esquema de assimilação, que a criança inclui novas informações em suas estruturas mentais.

Quando a criança se encontra nesse nível, ela se recusa atribuir significados aos artigos, preposições e outras palavras com duas letras que os adultos julgam serem fáceis de serem aprendidas, como eu, ai, oi entre outras.

- Hipótese da variedade dos caracteres.

As crianças classificam as palavras com letras repetidas como não sendo para ler. Palavras simples, muito utilizadas em cartilhas, como baba, bebe, papa etc., podem não parecer legíveis por terem baixa variedade de letras.

1.2 Níveis da Leitura.

Nível 1 – No início a criança conhece poucas letras, normalmente a que inicia o próprio nome não atribuindo nome a letra, apenas dizendo que a letra é a do seu nome, ou de uma pessoa próxima.

Nível 2 – Nesse nível acrescenta-se uma vogal a letras. Assim, a criança passa a falar que é a sílaba de determinado nome. Em muitos casos a criança não sabe nomear a letra, mas atribuem a ela o valor sonoro da sílaba inicial do nome.

Nível 3 – A criança domina os nomes das vogais e algumas consoantes, mas continua relacionando-as com nome.

Nível 4 – Nomeiam-se todas as letras do alfabeto sendo primeiro os nomes, depois o valor sonoro. Nesse nível a criança faz comparações sobre a discriminação dos formatos da letra.

1.3 Escrita.

Para essa etapa da pesquisa Ferreiro e Teberosky apresentam a tarefa, na qual a criança escrevesse o próprio nome ou de alguém da família, palavra usadas na alfabetização e palavras e ou frases desconhecidas pela criança. Apresentam também situações que misturam desenhar e escrever.

A escrita espontânea é um demonstrador das concepções que as crianças fazem sobre as escrita.

As pesquisadoras classificavam a evolução da escrita em cinco níveis. Nos dois primeiros, a criança não desenha traços no papel com a intenção de registrar os sons das palavras, pois ela ainda não compreende a relação entre som e letra.

1.4 Níveis da escrita.

- Nível 1 – Escrita indiferenciada.

Não existe diferenciação entre a grafia de uma palavra e de outra. O traço pode ser contínuo, quando a criança pretende escrever com letra cursiva e descontínuo quando pretende escrever com letra de forma. A extensão do traço depende do tamanho do objeto cujo nome está tentando escrever.

Exemplo:  = formiga |  = elefante.

- Nível 2 – Diferenciação de escrita.

Há demonstração da intenção de criar diferenciação entre seus grafismos. No entanto, a criança continua com a hipótese do número mínimo de letras e a necessidade de variar os caracteres, por isso, ela usa o máximo de combinações possíveis com as letras que conhece.

Concordando com Ferreiro (1999), Weisz (2003) complementa que, nessa fase, a criança escreve utilizando de sete a oito letras, sabendo que não podem ser sempre as mesmas e nem na mesma posição.

Nesse nível é provável que já saiba escrever o próprio nome.

Exemplo: ASCM = boneca.

- Nível 3 – Hipótese silábica.

A criança supõe que cada sílaba oral representa um som e registra cada som com uma letra. No entanto se a palavra registrada com menos de três caracteres, ela entra num conflito cognitivo completa-a para atingir a quantidade considerada mínima, mas ao realizar a leitura de tal palavra, a criança aponta o dedinho apenas para as primeiras letras, ignorando as que foram acrescentadas.

Weisz (2003), afirma que nesse nível a criança encontra uma nova fórmula para entrar no mundo da escrita, descobrindo que pode escrever uma letra para cada sílaba da palavra e uma letra por palavra na frase, a criança representa a fala por correspondência silábica.

Exemplo: ONK = boneca | ADXT = pá.

- Nível quatro – Hipótese silábico- alfabética.

Esse nível é a transição entre o nível três e o nível cinco, a criança começa a experimentar as letras do alfabeto para formar sílabas, mas as faz somente em parte de suas produções.

Nessa tentativa acabam por formar sílabas com uma letra e sílabas com mais de uma letra. Também podendo cometer falha no formato da letra.

Exemplo: cebla/cdola = cebola

- Nível 5 – Hipótese Alfabética.

A criança realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever, mas falta dominar a ortografia.

Ela comete algumas falhas podendo estas ser; quando a escrita é a transcrição fonética da fala, ou troca entre as letras concorrentes, ou eliminação das marcas redundantes de plural, ou supressão de letras anasaladas, e por falta de visualização fotográfica da ortografia entre outras falhas.

No caminho da hipótese alfabética, Weisz (2003) completa que as crianças podem escrever alfabeticamente as palavras, mas regredir ao nível silábico-alfabético na frase, gerando inúmeros conflitos cognitivos, tanto com as informações que recebe do mundo como com as hipóteses de quantidade e variedade mínima de caracteres construída pela própria criança: “As escritas silábica e silábico-alfabética têm sido encaradas como patológicas pela escola que não dispõe de conhecimento para perceber seu caráter evolutivo”. (WEISZ, 2003, M1U3T5, p.8).

As falhas nesse nível cometidas serão superadas gradualmente pelo ensino sistemático, embora permaneça por parte do escritor uma insegurança eterna em relação à ortografia imposta, pois a opção pela letra correta, segundo as normas convencionais, é arbitrária.

A passagem de um nível a outro, no processo de alfabetização, origina-se da tomada de consciência pelo aluno da influência da hipótese até então por ele formuladas para explicar a leitura e a escrita.

2. MEUS COLABORADORES

Nesse capítulo, apresento meus colaboradores e descrevo em quais circunstâncias os escolhi para realizar as sondagens anexadas na pesquisa.

Matheus, Luiza, Vitor, Tereza e Letícia ambos de sete anos, frequentam a mesma sala de aula na qual recentemente realizei o meu estágio de observação no ensino Fundamental I.

A sondagem foi feita com quase todos os alunos da classe, pois quando perceberam que havia um deles fazendo uma atividade diferente para “Tia Rose”, os demais se prontificaram a participar.

Não havia me preparado para tantas sondagens, por isso improvisei, utilizando o mesmo papel A4 para duas crianças.

Ficou a meu critério a escolha das cinco sondagens utilizadas para análise, as escolhi pela diversidade nas falhas, ou por estarem no verso da sondagem escolhida.

Isabelly é uma fofa de cinco anos que conheci no estágio de observação do infantil II, também realizado recentemente. Ela havia terminado a atividade proposta pela professora, então poderia atender ao meu pedido.

Luiz Carlos é filho de um colega de trabalho, é esperto e danado, está sempre fazendo perguntas. Ele me viu analisando as sondagens, perguntou o que eu estava fazendo e após minha explicação, ele pediu para fazer também. Arranquei uma folha do caderno e no mesmo momento a sondagem se iniciou.

3. COMO REALIZAR UMA SONDA GEM

A sondagem é um tipo de avaliação diagnóstica que visa observar o tipo das hipóteses que a criança se encontra

É uma atividade de escrita que envolve no primeiro momento a produção espontânea dos alunos de uma lista de palavras ditadas pela professora, sem apoio de outras fontes escritas e necessariamente seguida da leitura do aluno daquilo que ele escreveu.

As palavras ditadas pela professora devem seguir a algumas regras. O grupo delas deve ser formado por quatro palavras que possua algum grau de relação, sendo que uma deve ser monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba em sequência. Preferencialmente, as palavras devem ser significativas ao universo infantil,

Para a realização de uma sondagem, o professor deve saber avaliar a hipótese de escrita em que a criança se encontra. Segundo Emilia Ferreiro (1999).

Segui as instruções ao realizar as sondagens que estão anexadas nessa pesquisa.

Para Matheus, procurei palavras que fazem parte do universo de um menino, brinquedos ou seus acessórios, sendo estes objetos de desejo consumista dos meninos, mesmo quando se tornam adultos, ou seja, as palavras possuíam significado a ele aumentando o interesse no aprendizado.

Para Vitor, escolhi palavras que fazem parte do imaginário dos meninos. Qual garoto em algum momento não sonhou em ser um astronauta, voar em um foguete super-rápido e

quem sabe, chegar bem perto do sol? Novamente são palavras que despertam o interesse da criança.

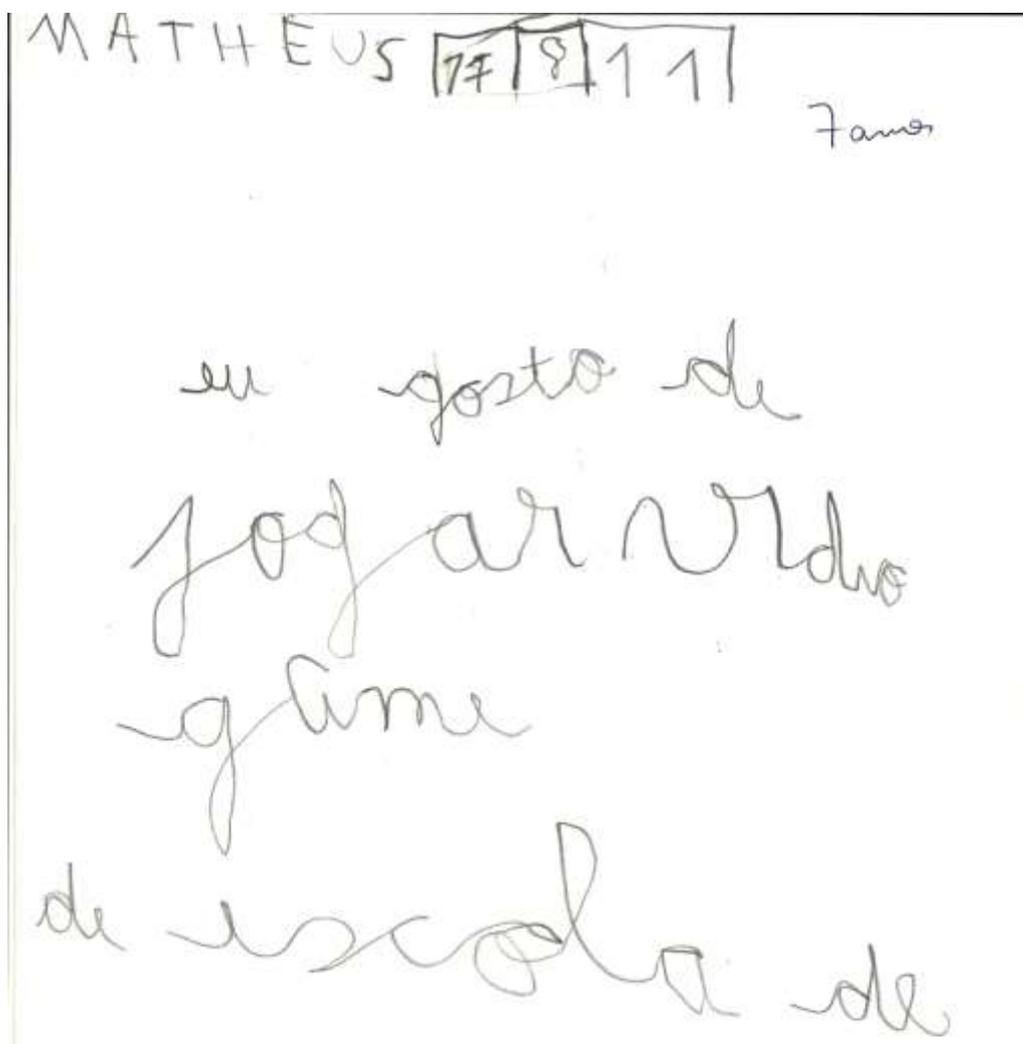
Luiz Carlos não me ofereceu tempo para planejamento, mas como ele estava brincando de carrinho próximo a mim e em sua simulação de realidade, o pneu de seu carrinho havia furado, enquanto ele dirigia na estrada deserta. Optei por utilizar suas próprias palavras.

Para as meninas Luiza e Letícia, conhecendo o grau de alfabetização delas, desejei confundi-las com a arbitrariedade do sistema, premeditando que iriam confundir a letra correta a ser utilizada, mas sem desviar da regra que determina a quantidade de sílaba necessária em cada palavra para a realização da sondagem.

No caso das meninas, Tereza e Isabelly, foram utilizadas palavras do universo das meninas. Com Isabelly em especial, ela comentara que havia ido à praia e brincado na areia com pá e baldinho.

4. A APRESENTAÇÃO DA ESCRITA DOS COLABORADORES.

4.1 Matheus



Handwritten text in cursive script, likely a child's writing. The text includes: "pneu (pneu)", "avião (avião)", "carro (carro)", "nunca andei de", "nunca andei de helicóptero", and "nunca andei de helicóptero". There are several corrections and annotations in smaller handwriting, such as "(pneu)", "(avião)", "(carro)", and "helicóptero".

Ele se encontra no nível cinco, hipótese alfabética, conhecendo o sistema gráfico e me surpreendendo ao utilizar “h” e “p” muda na palavra “helicóptero”, porém houve a influência da oralidade na escrita, tanto em “helicóptero” como em “pneu”, com o acréscimo do “e” e a troca do “u” pelo “o”.

Matheus escrever seu nome do outro lado da folha, um coleguinha disse que estava errado e ele resolveu preencher o espaço em branco, comentando o que ele gosta, com falhas apenas na pontuação e palavra estrangeira como “pizza”, acrescentando o “t” na ortografia, no entanto em outro estrangeirismo presente no seu cotidiano, “game”, não houve falha.

4.2 Luiza

3118111
Luisa de Souza Lázaro. Eu tenho 7 anos.
Eu estudo no Colégio Recanto e moro na
Praia Grande.

• mão

• casa

• carne

• Delicadeza

fui no medico fazer exames

Eu quero ser



Ela escreveu "exame" no grupo
de palavras com "s", mas a amiga
disse q/ela que era com "x", ela
rapazou e trocou o "s" por "x".
A prof. me explicou que na mesma sema-
na, ela tinha feito uma relação de palavras
com "x", estava fácil de lembrar.

Ela se encontra no nível cinco, Hipótese alfabética, realiza uma análise sonora dos fonemas da palavra que vai escrever, sua falha é cometida por causa da arbitrariedade do sistema, fazendo trocas entre as letras concorrentes “x” e “s”, houve também falha de acentuação, podendo ser uma distração.

Como as crianças consideraram a sondagem um presente para mim, Luiza foi uma das crianças que pediu para fazer um desenho. Na verdade ela projetou seu desejo para o futuro.

4.3 Vitor



Ele foi uma das crianças que manifestou vontade em participar da atividade considerada por eles, nova. Perguntou-me à distância se poderia escrever, ele utilizou o verso de outra sondagem.

Muito afobado, não esperou que eu ditasse o grupo de palavra. Quando me aproximei, me deparei com a folha já preenchida.

Nela ele expôs o que mais gosta de fazer, tanto na escrita, quanto no desenho, e também no nível cinco, hipótese alfabética, já sabendo escrever, porem comete falhas como, escreveu a palavra transcrevendo a fala no caso do estrangeirismo “game”, na palavra “astronauta” e na supressão do “r” final da palavra “fazer” na supressão da letra anasalada “u” na palavra “foguetes”; na supressão da letra “o” a palavra “quero” e também na troca das letras biunívocas “v” e “f” que possuem os mesmos pontos de articulação, ou seja, são labiodentais. Essas trocas foram feitas nas palavras “fazer” e “voar”.

4.4 Tereza

Soraya cristina de O. Serafim 8 anos

falser, bos - flôr
• bosedes - bosque
- castlo - castelo
• parsetera - Princesinha

• Sobra nada os parsetera
Sou bonita como
uma princesinha

Ela se encontra no nível quatro, hipótese silábico-alfabética, está transitando entre a hipótese silábica e a hipótese alfabética. Demonstra acreditar em uma quantidade mínima de letras, ao escrever "flôr". Em algumas de suas produções, ela representa a sílaba somente com uma letra, como no caso da palavra "castelo" onde suprimiu a letra "e". Nas outras palavras ela experimentou usar variedades de letra do alfabeto, também atribuiu à quantidade de sílabas correspondente as ditadas. Porém ela ainda não sabe quais as letras necessita para formar as sílabas que deseja sendo que algumas de suas trocas ocorrem por ela não compreender as arbitrariedades do sistema, fazendo com que ela troque "c" por "s" na palavra "princesinha" e também na inversão do "q" na palavra "bosque" com a letra "d".

Na frase, Tereza escreveu “sou” com a influência da oralidade e separou “bonita” transferindo “bo” para junto de “so”, isso ocorre por falta da visualização fotográfica da ortografia.

4.5 Letícia

Nome: Letícia Gonçalves Teixeira
Dia: 17/08/11 ^{Famos}
Cores preferidas: girassol, Azul, Rosa e Roxo
Frutas preferidas: Morango, Maça, Laranja
Eu não gosto de peixe
A frase original era "Eu gosto de peixe" Letícia disse que não gostava de peixe e quis escrever "Eu não gosto de peixe"

Chá
Peixe
Laranja
Erechmofão

Ela é mais uma das crianças que utilizou o verso da folha que estava com outra sondagem, Não há muito para analisar em sua sondagem, a sua participação na pesquisa é somente pelo fato de estar junto com outra sondagem que apresentava diversificações nas falhas.

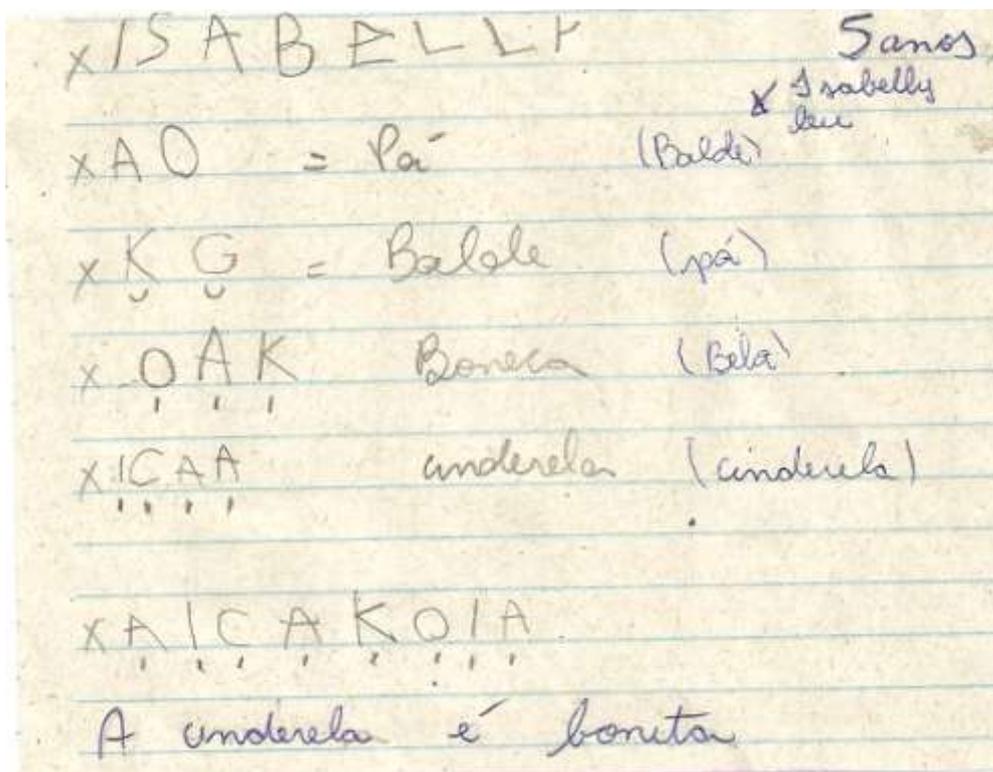
Da mesma forma que ocorreu com outra criança anteriormente citada, ela escreveu suas cores e frutas preferidas, assim como o desenho.

Eu pedi para narrar-me a interpretação do seu desenho, e como demonstração de avanço no seu desenvolvimento, percebido já em sua escrita que atende aos requisitos impostos pela convenção ortográfica. Disse-me que seu coração “flex”, ou seja, ama todo tipo de pessoas.

A menina se encontra no nível cinco, hipótese alfabética, realiza análise sonora dos fonemas da palavra que vai escrever, como já citei, ela domina a ortografia.

Sua personalidade forte, decidida e segura foi demonstrada também quando ela não aceitou escrever a frase por mim sugerida, contestando que se não gostava de peixe, não deveria escrever “eu gosto de peixe” e pediu minha autorização para acrescentar “não” na frase inicialmente ditada.

4.6 Isabelly

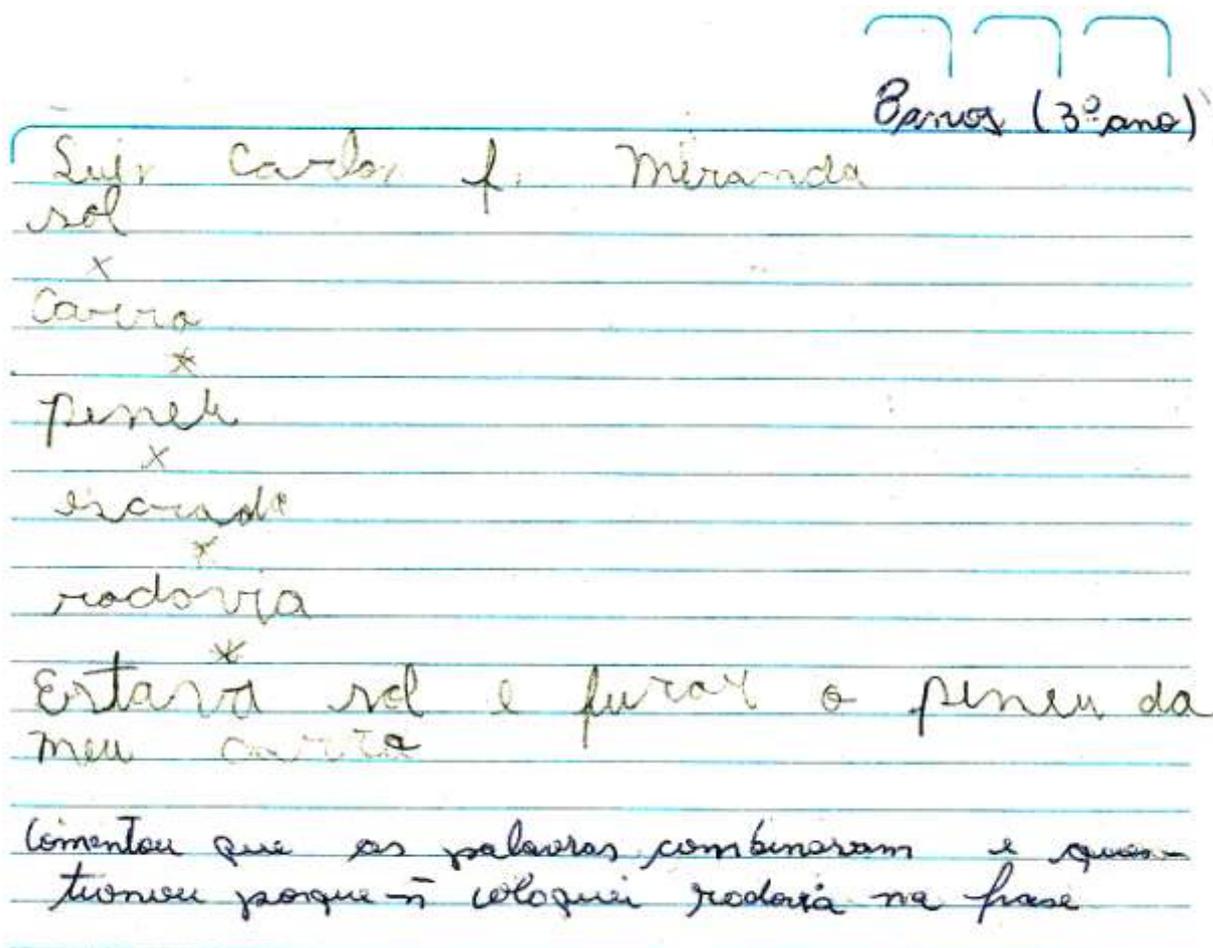


Ela se encontra no nível dois, diferenciação da escrita, sabe escrever o próprio nome e utiliza a letra “a” presente em seu nome em quase todas as suas produções, estas com quantidade mínima de caracteres e demonstrando conhecer poucas letras.

A menina decorou as palavras que ditei e quando pedi para ler o que havia escrito, ela chutou trocando a ordem. Percebeu que eu olhei para o estojo das princesas quando ditei “Cinderela”, e como não se lembrava de o que tinha escrito, olhou para o estojo e arriscou o nome de outra princesa, no caso, “Bela”.

Quanto à frase, Isabelly disse não lembrar o que tinha escrito.

4.7 Luiz Carlos



O menino também se encontra no nível cinco, hipótese alfabética, possuindo a consciência sonora dos fonemas das palavras por ele escrita. Ele transferiu a oralidade para a escrita, quando acrescentou o “e” na palavra “pneu” e na palavra “estrada” trocou o “t” por “c”, considerando que a letra “t” seja uma oclusiva surda, quase se passa despercebida a sua troca, pela criança que ainda não pela criança que ainda não domina a ortografia.

Luizinho, assim chamado, percebeu a relação entre as palavras do grupo e questionou o porquê eu não coloquei “rodovia” na frase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Telma Weisz, explica que Emília Ferreiro e colaboradores fizeram uma revolução no processo da aquisição de leitura e escrita.

As pesquisadoras ofereceram uma nova concepção para a aprendizagem, deslocando o centro da investigação do “como se ensina” para “como de aprende”, trocando os cansativos e entediantes testes de prontidão, pela sondagem, revelando o papel do professor e do aluno nesse processo.

Suas descobertas nos alertam contra enganos que os adultos cometem ao ensinar para a criança, a representação gráfica do som, formando as sílabas e palavras e por fim frases.

Esta pesquisa ampliou meu conhecimento sobre o assunto em questão, reforçando minha opinião anterior. O contato com as crianças é essencial na formação do professor, pois é na prática que nos deparamos com os imprevistos ocasionados, quando estamos trabalhando com seres vivos, mas uma boa fundamentação teórica é a chave para a compreensão para se atingir o melhor método para a aquisição é a base de sustentação para uma prática eficiente.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. *Psicologia construtivismo*. São Paulo: Ática, 2009.

FERREIRO, Emília, *O que está escrito em uma frase escrita?* In: LEITE, Luci Banks (org.) Piaget e a Escola de Genebra. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico da Alfabetização*. São Paulo: Ática, 2000.

WWW.unicaieiras.com.br/revista/artigos/A%20importancia%20Aavaliacao.htm

* Atividade realizada na disciplina “Práticas Pedagógicas III”, no 2º semestre de 2011.